

## PRIMEIRO CAPÍTULO

*Tem pressa de viver, tem pressa de sentir.*

Princ. Viázemski

### I

«Meu tio, homem honrado e direito,  
quando caiu seriamente enfermo,  
exigiu para com ele o respeito  
— uma óptima ideia, há que dizê-lo.  
O seu exemplo é ciência de vida,  
mas, Deus meu, que maçada imerecida  
ficar noite e dia junto ao doente  
sem arredar o pé por um instante!  
E que perfídia ignóbil, que tormento  
amimar o meio morto, diverti-lo,  
ajeitar-lhe almofadas, isto e aquilo,  
dar-lhe com tristeza o medicamento,  
suspirar e desejar com enfado:  
quando te leva daqui o diabo?»

### II

Assim pensava estouvadamente  
o moço no carro envolto em poeira,  
e pela graça de Zeus onnipotente  
de todos os parentes o herdeiro.

Amigos de Russlan e Liudmila!  
Apresento-vos já sem mais aquela  
nem perda de tempo, de relance,  
o preclaro herói do meu romance:  
Eugénio Onéguin, meu bom amigo,  
dado ao mundo nas margens do Nevá,  
onde igualmente o meu leitor quiçá  
tenha nascido, brilhado, e onde vos digo  
que também outrora me passeei.  
O norte a mim, contudo, não cai bem<sup>1</sup>.

### III

Seu pai, perfeito e nobre no serviço,  
afogado em dívidas permanentes,  
dava três bailes por ano e com isso  
foi ao fundo e arruinou-se finalmente.  
Protegia a Onéguin o destino:  
tratou dele uma *Madame* em menino,  
depois um *Monsieur* em seu lugar.  
O moço era traquina, mas bom de amar.  
*Monsieur l'abbé*, cómoda personagem,  
para não extenuar muito o miúdo,  
não via nos estudos dele uma virtude  
nem nas moralizações grande vantagem.  
Dava só um ralho meigo à traquinada  
e ao Jardim de Verão em passeio o levava.

### IV

E quando a juventude inquieta chega  
e para o meu Onéguin se insinua  
o tempo de esperança e terna tristeza,  
puseram *Monsieur* no olho da rua.  
E eis o meu Onéguin à rédea solta;  
cabelo à ultima moda, a roupa  
de figurino como *dandy*<sup>2</sup> londrino —  
e ele a entrar por fim no meio fino.  
Saem-lhe perfeitas a conversação

e a escrita em língua francesa;  
solta-se-lhe a mazurca com ligeireza,  
e a expedita vénia na perfeição;  
que mais querem? Delibera a sociedade:  
é um querido, de alta sagacidade.

## V

Todos estudámos mais ou menos  
alguma coisa e de qualquer jeito,  
e entre nós é fácil, convenhamos,  
brilhar pela instrução com belo efeito.  
Onéguin era, no parecer de muitos  
(juízes severos e resolutos),  
rapaz erudito mas afectado:  
num colóquio despreocupado  
tinha o engenho feliz, espalhado a esmo,  
de aflorar pela rama todo o assunto,  
ou, com ar de conhecedor sisudo,  
no alto debate manter o mutismo  
e de incitar o sorriso das damas  
ao fogo de súbitos epigramas.

## VI

A língua latina hoje em dia  
passou de moda, muito caducada;  
no entanto, verdade seja dita,  
o latim de Onéguin chegava  
para umas epígrafes traduzir,  
sobre o Juvenal discutir,  
para apor o *vale* no fim da carta,  
e dois versos da Eneida, que maltrata,  
também sabe de cor. Tocante à história,  
ao pó cronológico do cronicão  
da nossa terra dizia não;  
mas guardava bem firmes na memória  
as peripécias menores de antigamente,  
desde Rómulo até ao presente.

## VII

Sem a alta paixão de não poupar  
a vida pelos sons, não distinguia  
o coreu do jambo, apesar  
dos nossos esforços dia após dia.  
Maldizia Teócrito, Homero;  
mas lia Adam Smith, claro,  
versado que era em economia,  
ou seja, arengar ele sabia  
sobre como um Estado enriquecer,  
do que viver e por que circunstância  
o ouro não lhe causará carência  
se tem o *produto simples* em seu poder.  
O pai não compreendia tais regras  
e punha em hipoteca as suas terras.

## VIII

Para enumerar tudo o que Eugénio  
sabia ainda, não chega o tempo;  
no que ele era um verdadeiro génio,  
a ciência que regia a contento,  
melhor do que toda outra ciência,  
desde jovem seu tormento e delícia,  
labor de sempre que o libertava  
da sua preguiça angustiada —  
era a da terna paixão, a enaltecida  
por Ovídio, o da vida em tormenta  
e em luz que por paixão se ausenta  
e em sofrimento finda a vida  
na estepe moldova desolada  
longe da sua Itália amada.

## IX

.....  
.....  
.....

## X

Que cedo aprendeu a hipocrisia,  
a calar uma esperança, fingir ciúme,  
obrigar a acreditar, dissuadir,  
dar-se o ar de quem sombrio se consome  
de tristeza, inventar-se obediente,  
orgulhoso, atento ou indiferente!  
No seu silêncio, quanto langor,  
na sua eloquência, tanto ardor,  
nas suas cartas, que descuido esforçado!  
Respirando um só ar, só esse amando,  
como sabia ir-se de si esquecendo!  
Que púdicas miradas, ou ousadas,  
que fugaz e terno olhar onde em seu dia  
uma lágrima obediente luzia!

## XI

Em mostrar-se novo fazia gala,  
e a inocência turvava: sabia  
com desespero ensaiado assustá-la,  
diverti-la com a lisonjaria,  
vencer com o coração e a mente  
os preconceitos da idade inocente,  
agarrar-lhe o instante de ternura,  
o mimo impensado que ele captura  
para a rogar, lhe exigir que confesse.  
Assim persegue o amor, do coração  
colhe finalmente o primeiro som,  
e o encontro secreto acontece...  
Lá fica a sós com ela e depois  
no silêncio escuro dá-lhe lições!

## XII

De coquetes famosas, desde cedo  
desinquietava corações vários!  
E quando o assediava o mau vezo  
de arrasar os seus adversários,